

Para FH, relação com os EUA é de parceria

Dida Sampaio/AE—17/9/97

Presidente avalia que democracia e estabilização consolidaram um "diálogo mais fluido e maduro"

PEDRO LUIZ RODRIGUES

BRASÍLIA — Para o presidente Fernando Henrique Cardoso, a visita do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, ao Brasil demonstrou que para os dois países não pode haver um relacionamento que não tenha a característica genuína de uma parceria. "Temos hoje uma relação madura, baseada na confiança, no respeito mútuo e em mais igualdade", declarou o presidente ao **Estado**.

Mudou o Brasil, ou mudaram os Estados Unidos? Mudaram os dois e mudou o mundo, responde Fernando Henrique. Mas não há dúvida, assinala o presidente, que para a consolidação desse diálogo mais fluido e maduro com os Estados Unidos, muito contribuiu a transformação recente do Brasil — hoje um país democrático, economicamente mais forte e mais aberto, mais confiante, mais seguro de suas capacidades e mais apto a reunir consensos expressivos em torno de temas como a Alca. A seguir, a íntegra da entrevista:

Estado — Quais foram, em sua opinião, os principais resultados, no âmbito de nossas relações com os Estados Unidos, da visita do presidente Bill Clinton ao Brasil?

Fernando Henrique Cardoso — Além da grande importância dos acordos concluídos em áreas setoriais — como educação, energia nuclear e tecnologia espacial —, houve resultados muito relevantes no plano mais geral das relações entre os dois países. No sentido mais amplo, talvez o principal resultado seja o de consolidar um nível de diálogo ainda mais fluido entre os dois governos, no mais alto nível, confirmando o que teve início com a visita que fiz aos Estados Unidos em 1995. Temos hoje uma relação madura, baseada na confiança, no respeito mútuo e em mais igualdade.

Estado — Como essa transformação ocorreu na prática?

Fernando Henrique — É um processo de acumulação de percepções. O que o presidente Clinton e sua comitiva puderam ver de perto não diferirá muito do que lhe vem informando sua embaixada aqui ou nosso embaixador em Washington ou do que informa a imprensa internacional: que o Brasil de hoje é um Brasil democrático, economicamente mais forte e mais aberto, mais confiante, mais seguro de suas capacidades, mais apto a reunir



"É importante que as conversações sobre a Alca sejam equilibradas, orientadas pelo respeito mútuo"

consensos expressivos em torno de temas como a Alca. Isso é importante como base para o diálogo que continuaremos a manter sobre temas de interesse comum.

Estado — Talvez pela primeira vez na história do País a opinião brasileira tenha ficado com a sensação de que nas conversas dos dois presidentes houve um diálogo entre iguais. Quem mudou, o Brasil ou os EUA?

Fernando Henrique — Mudaram os dois e mudou o mundo. O Brasil está colhendo os frutos da democracia, da estabilização e do fortalecimento da economia, do trabalho diplomático da construção do Mercosul, de uma melhor inserção no mundo de hoje. Tudo isso são elementos que nos credenciam como interlocutores no plano internacional. Nos dias de hoje, para o Brasil e para os Estados Unidos, é evidente que não pode haver



DIFERENÇAS
PODEM SER
TRATADAS SEM
PROBLEMAS

um relacionamento que não tenha a característica genuína de uma parceria, no sentido próprio desse termo. Um relacionamento que, por estar baseado em fundamentos sólidos de amizade e de valores e objetivos compartilhados, favorece a cooperação e permite o diálogo franco sobre todos os temas, inclusive, e com toda a naturalidade, sobre as eventuais divergências e interesses específicos.

Estado — Mas não se terá dado menor destaque relativo às

divergências do que às convergências, durante a visita?

Fernando Henrique — Não foi assim. O que não há mais é razão para tratar os pontos de divergência com emoção improdutiva. A clareza quanto aos valores e interesses comuns permite que as discordâncias tópicas sejam tratadas com objetividade e tranquilidade. No período da guerra fria, a polarização ideológica entre os dois blocos antagônicos impunha, de certa forma, uma leitura geopolítica da atitude dos países e das sociedades com relação aos valores que estavam em jogo. Naquelas circunstâncias, as divergências de interesses eram, freqüentemente, interpretadas como conflitos de valores e as coincidências eram vistas como um alinhamento que chegaria a afetar a nossa individualidade. Hoje, quando defendemos nossos objetivos, nossas propostas de integração, nossos interesses específicos, estamos trabalhando em outro quadro político, onde a aceitação dos valores comuns é natural e não mais uma posição da geopolítica. É uma vantagem do nosso tempo, que assegura um pano de fundo muito mais desanuviado para o relacionamento do Brasil com um país como os EUA. Com isso podemos falar com mais franqueza e o resultado é um melhor entendimento, seja nos pontos de concordância, seja nos de discordância. O Brasil está mais seguro, e isso se viu durante a visita.

Estado — Houve quem manifestasse surpresa com a concordância brasileira em iniciar as conversações sobre a Alca no ano que vem, em Santiago...

Fernando Henrique — Não há

motivo para surpresa. Na reunião de Belo Horizonte, em maio, foram definidos parâmetros muito claros sobre essa questão. A disposição de conversar sobre a Alca e, no momento apropriado, lançar negociações nesse sentido está implícita no fato mesmo de participar plenamente — como temos feito — do processo desencadeado com a Cúpula de Miami, em 1994. O que é importante é que as conversações sobre a Alca sejam equilibradas, orientadas pelo respeito mútuo e pela busca do consenso e respeitem os requisitos indispensáveis para que o projeto possa ser positivo para todos os países envolvidos. Acredito que todos estão de acordo quanto ao objetivo de lançar as negociações. Para isso é importante que, como foi decidido em Belo Horizonte, os ministros e vice-ministros dos países do continente, que se reunirão várias vezes antes da Cúpula de Santiago, alcancem o acordo prévio necessário quanto a aspectos importantes, como a estrutura, a abrangência, o enfoque e até mesmo o local das negociações, para que possam efetivamente ser lançadas em Santiago.

Estado — Sem riscos para o Mercosul?

Fernando Henrique — Quero deixar claro, mais uma vez, que o papel do Mercosul como um dos building blocks do processo de integração é um ponto fundamental para o Brasil. Aliás, os comentários feitos pelo próprio presidente Clinton sobre esse aspecto refletem a compreensão dos EUA do nosso ponto de vista. Ficou clara a posição do Mercosul como interlocutor dos EUA nas discussões sobre a Alca.